Correspondência entre Descartes e a princesa Elisabete. Cartas sobre a união substancial[1]

Tradução: Paula Bettani M. de Jesus
Universidade de São Paulo

Um ano após a publicação das *Meditações,* e seis anos antes da publicação do seu *Tratado das paixões* ou, *As paixões da alma*, como é mais conhecido, Descartes inicia uma correspondência sumamente importante, sobretudo para as discussões referentes ao problema das paixões. De 1643 a 1649, ele e a Princesa Elisabeth da Boemia trocam 59 cartas. A primeira delas, enviada por Elisabeth, tinha como intuito esclarecer dúvidas suscitadas pela leitura das *Meditações*, entretanto no decorrer desses seis anos de correspondência os temas discutidos se diversificam, e nas cartas passam a ser abordados problemas antropológicos, geométricos, morais, médicos, políticos, perpassando pela filosofia dos estoicos, de Maquiavel etc. As cinco primeiras cartas — referentes ao período de maio a julho de 1643 —, as quais traduzimos, apresentam no entanto uma questão específica e fundamental na filosofia de Descartes.

Algumas passagens do *Tratado do homem,* mas, sobretudo as *Meditações* levaram a Princesa Elisabeth, em 1643, a se corresponder com Descartes a fim de conseguir respostas para uma pergunta a qual constantemente sua filosofia se submete, qual seja: como é possível que a alma, tal como concebida, substância inextensa e imaterial, possa determinar as ações do corpo, substância que, sendo extensa e material, lhe é totalmente distinta? O que está em questão é um dos maiores problemas da filosofia cartesiana, a união substancial. Se não é tão simples a Descartes apresentar uma resposta para tal pergunta, como poderemos acompanhar, menos ainda é fazer com que ela seja admitida, pois isso implica

1 Tradução a partir de: Descartes, René. *Correspondance avec Elisabeth et autres Lettres*. Paris: GF Flammarion, 1989, pp. 65-78.

não apenas o entendimento, como inclusive a relação de duas noções bastante distintas, para não dizer totalmente.

Para questionar e colocar em suspeição a união substancial, e a capacidade que a alma tem de mover o corpo, Elisabeth toma como ponto de partida um pressuposto de ordem física, que em linhas gerais mostra que duas coisas são necessárias para que uma coisa seja posta em movimento por outra, são elas: extensão e choque. O que coloca Descartes diante de um problema, pois ambas as noções, em nada são compatíveis com a alma, dessa maneira como explicar que ela possa determinar os movimentos do corpo? E ainda, como o corpo pode ser causa de suas paixões? Para responder essas perguntas Descartes precisa responder uma terceira questão: como corpo e alma estão unidos? Para tanto deve partir da fonte do problema, isto é, das *Meditações*, até porque o *Tratado das paixões* somente será redigido alguns anos depois e, em certa medida a partir dessas discussões.

Considerando a importância e a dimensão que o problema da união substancial tem na filosofia de Descartes, oferecemos a tradução das cinco primeiras cartas da correspondência mantida com Elisabeth, as quais, voltando-se sobretudo para o que fora apresentado pelo filósofo francês em suas *Meditações*, mostram a maneira pela qual Descartes propõe esclarecer e solucionar um dos problemas mais controversos e questionados de sua filosofia.

•

Elisabeth a Descartes,

La Haye, 16 de maio de 1643

Senhor Descartes,
Soube, com muita alegria e lamento, que tivestes a intenção de ver-me, passei alguns dias igualmente tocada por vossa caridade de querer se comunicar com uma pessoa ignorante, indócil e de uma infelicidade que me tem furtado uma conversa mais proveitosa. O Senhor Pallotti tem aumentado fortemente esta última paixão, repetindo-me as soluções que destes para as obscuridades contidas na física do senhor Régius, das quais teria sido melhor instruída por vossa boca, como também de uma questão que propus a dito professor enquanto esteve nessa cidade, ele me enviou até vós para receber a satisfação necessária. A vergonha de lhe mostrar um estilo tão desarranjando impediu-me, até aqui, de pedir-vos esse favor por carta.

Hoje, porém o senhor Pallotti deu-me tanta segurança de vossa bondade para com todos e, particularmente por mim, que afastei toda outra consideração do espírito, fora aquelas de vos pedir que me digas como a alma do homem pode determinar os

espíritos do corpo a fazer ações voluntárias (não sendo senão uma substância pensante). Pois parece que toda determinação ao movimento se faz pelo impulso da coisa movida conforme a maneira pela qual ela é impulsionada por aquela que a move, ou bem pela qualificação e figura da superfície desta última. O choque é necessário às duas primeiras condições, a extensão à terceira. Esta vós excluís inteiramente da noção que tens da alma, e aquela me parece incompatível com uma coisa imaterial. Por isso vos peço uma definição mais particular da alma que em vossa metafísica, isto é, dessa substância separada de sua ação, do pensamento. Pois ainda que nós as suponhamos inseparáveis (o que, no entanto, é difícil de provar no ventre da mãe e nos grandes desmaios), como atributos de Deus, nós podemos, considerando-os à parte, adquirir uma ideia mais perfeita.

Sabendo que sois o melhor médico para mim, encontro livremente as fraquezas de vossas especulações, e espero que observando o juramento de Hipócrates, forneça os remédios sem publicá-los; o que vos peço para fazer, como de tolerar essas importunações de

Sua afeiçoada amiga a vos servir,

Elisabeth.

Descartes a Elisabeth

Egmond do Hoef, 21 de maio de 1643

Senhora,

O favor que Vossa Alteza me honrou fazendo-me receber vossos preceitos por escrito é maior do que eu teria ousado esperar, e revelam melhor meus defeitos, que aquilo que teria sonhado com paixão, que seria de recebê-los de vossa boca, se eu tivesse podido aceitar a honra de vos fazer reverência, e de vos oferecer meus mais humildes serviços enquanto estive recentemente em La Haye. Pois eu teria muitas maravilhas para admirar ao mesmo tempo, e vendo sair discursos mais que humanos de um corpo tão parecido àqueles das pinturas dadas aos anjos, ficaria satisfeito da mesma maneira que me parecem ficar aqueles que vindo da terra, entram novamente no céu. O que me tem tornado menos capaz de responder Vossa Alteza, que sem dúvida tem notado em mim esse defeito, enquanto tive anteriormente, a honra de lhe falar, e vossa clemência me tem querido aliviar, deixando-me os traços de seu pensamento sob um papel, onde relendo-o várias vezes, e acostumando-me a considerá-lo estou verdadeiramente menos deslumbrado, mas tenho tanto mais admiração, notando que eles não somente parecem

engenhosos na abordagem, mas tanto mais judiciosos e sólidos quanto mais os examino.

E posso dizer, com verdade, que as questões que vossa alteza me propõe, parecem ser aquelas que me podem fazer com tanto mais razão seguindo os escritos que publiquei. Pois havendo duas coisas na alma humana, das quais depende todo o conhecimento que podemos ter de sua natureza; uma das quais é que ela pensa, a outra que, estando unida ao corpo, pode agir e padecer com ele. Não tenho dito quase nada dessa última[2], e somente fiz bem compreender a primeira, porque meu principal objetivo seria provar a distinção que há entre a alma e o corpo[3], ao que somente esta poderia servir, e a outra teria sido prejudicial. Mas porque Vossa Alteza vê tão claro que não lhe posso dissimular nenhuma coisa, tratarei aqui de explicar a maneira pela qual concebo a união da alma com o corpo, e como ela tem a força de movê-lo.

Primeiramente considero que há em nós certas noções primitivas, que são como que originais, sob o padrão das quais formamos todos os outros conhecimentos. E não há senão poucas noções, pois além das mais gerais, do ser, da quantidade, da duração etc., que convêm a tudo o que podemos conceber, nós não temos, do corpo em particular, senão a noção da extensão, da qual se seguem aquelas da figura e do movimento; da alma só, temos a noção do pensamento, no qual estão compreendidas as percepções do entendimento e as inclinações da vontade; e enfim, da alma e do corpo juntos, temos a noção da união, da qual depende a da força que a alma tem de mover o corpo, e o corpo de agir sobre a alma causando seus sentimentos e paixões.

Considero também que toda a ciência dos homens não consiste senão em distinguir bem essas noções e em não atribuir a nenhuma delas senão as coisas as quais pertencem. Pois quando queremos explicar alguma dificuldade por meio de uma noção que não a pertence, não podemos deixar de nos equivocar, como também acontece quando queremos explicar uma dessas noções por uma outra. Pois sendo primitivas, cada uma delas não pode ser entendida senão por ela mesma. E visto que o uso dos sentidos nos tornou as noções da extensão, das figuras e dos movimentos muito mais familiares do que as outras, a principal causa de nossos erros está em que queremos nos servir dessas noções para explicar as coisas às quais elas não pertencem, como quando queremos nos servir da imaginação

2 Para sermos mais exatos, as questões concernentes à união substancial aparecem, de fato, na Sexta Meditação em cerca de oito parágrafos, dos quais o mais elucidativo é o 24º.

3 O título das *Meditações* é claro ao apresentar seus dois principais objetivos, assim Descartes enuncia: "*Meditações concernentes à filosofia primeira nas quais a existência de Deus e a* ***distinção real entre alma e corpo são demonstradas***".

para conceber a natureza da alma, ou bem, quando queremos conceber a maneira como a alma move o corpo, por aquela pela qual um corpo é movido por outro.[4]

E porque nas *Meditações* que Vossa Alteza se dignou a ler, tratei de fazer conceber as noções que pertencem somente à alma, distinguindo-as daquelas que pertencem somente ao corpo, a primeira coisa que devo explicar, em seguida, é a maneira de conceber aquelas que pertencem à união da alma com o corpo, sem aquelas que pertencem só ao corpo ou só à alma. Ao que me parece que pode servir o que escrevi no fim da minha *Resposta às Sextas Objeções*, pois não podemos procurar essas noções simples em nenhum outro lugar que não em nossa alma, que as têm todas em si por sua natureza, mas que nem sempre as distingue suficientemente umas das outras, ou bem, não as atribui os objetos aos quais devemos atribuir.

Assim creio, antes de tudo, que temos confundido a noção da força pela qual a alma age no corpo, com aquela pela qual um corpo age em um outro, e que temos atribuído uma e outra, não à alma, pois não a conhecíamos ainda, mas às diversas qualidades dos corpos como o peso, o calor e outras que temos imaginado serem reais, isto é, ter uma existência distinta daquela do corpo e, consequentemente serem substâncias, ainda que as tenhamos nomeado de qualidades. E temos nos servido, para concebê-las, tanto de noções que estão em nós para conhecer os corpos, quanto daquelas que são para conhecer a alma, segundo o que lhe tenhamos atribuído seja material ou imaterial, por exemplo, supondo que o peso é uma qualidade real, da qual não temos outro conhecimento senão que ele tem a força de mover o corpo no qual ele está para o centro da terra, nós não temos dificuldade de conceber como ele move o corpo, nem como lhe está unido, e não pensamos que isso se faça por um choque real de uma superfície com outra, pois experimentamos em nós mesmos, que temos uma noção particular para conceber isso, e creio que usamos mal essa noção, aplicando ao peso,

4 Com isso Descartes apresenta os dois principais motivos pelos quais as *Meditações*, sobretudo as questões referentes a união, encontram dificuldades de compreensão, o primeiro deles se deve a própria estrutura expositiva das *Meditações* nas quais Descartes estabeleceu como prioridade tratar das questões que permitiriam demonstrar a distinção entre alma e corpo. O segundo motivo, diz Descartes, está no desconhecimento das noções primitivas nas quais se baseiam o nosso conhecimento: noções do corpo, da alma e da união corpo/alma. Ao estabelecer esse segundo motivo, Descartes tira uma parcela de "culpa" e falta de clareza das *Meditações* e a coloca no leitor, que exatamente por desconhecer tais noções, torna-se incapaz de distingui-las, incorrendo em uma série de confusões, como quando quer explicar uma coisa através de uma noção que não a pertence. Este parece ser o caso de Elisabeth, como ela própria reconhece na carta subsequente, pois partindo de uma noção da física (portanto, uma noção do corpo), que explica como um corpo move e é movido por outro, pretende compreender como a alma move o corpo, o que somente se explica através das noções da união substancial.

que não é nada realmente distinto do corpo, como espero mostrar na Física, mas que nos tem sido dado para conceber a maneira pela qual a alma move o corpo.

Eu testemunharia não conhecer o bastante o incomparável espírito de Vossa Alteza, se empregasse maior número de palavras para me explicar, e seria muito presunçoso se ousasse pensar que minha resposta lhe deva satisfazer inteiramente, mas tratei de evitar um e outro, não acrescentando aqui nada demais, senão que, se sou capaz de escrever alguma coisa que lhe possa agradar, terei sempre o grande favor de pegar a pena ou de ir a La Haye, por este motivo, e que não há nada no mundo que me seja tão caro quanto poder obedecer a vossas ordens. Mas não posso aqui, encontrar lugar para o juramento de Hipócrates que me prescrevera, porque não me comunicaste nada que não mereça ser visto e admirado por todos os homens. Somente posso dizer, sobre este assunto que, estimando infinitamente a carta que recebi, a usarei como os avaros fazem com seu tesouro, os quais escondem tanto mais, quanto mais o estimam, e evitando a vista ao resto do mundo, colocam seu soberano contentamento somente em olhá-lo. Assim, estarei bem cômodo por usufruir sozinho um bem deste valor, e minha maior ambição é de poder dizer e de ser verdadeiramente etc.

Elisabeth a Descartes

La Haye, 20 de junho de 1643

Senhor Descartes,

Vossa bondade não se manifesta somente mostrando-me e corrigindo os defeitos de meu raciocínio, como tinha entendido, mas também que, para tornar seu conhecimento menos desagradável, tenta consolar-me, ao prejuízo de vosso juízo, por falsos louvores que teriam sido necessários para encorajar-me a trabalhar para corrigi-lo, se minha educação, em um lugar onde a maneira ordinária de conversar acostumou-me a ouvir pessoas incapazes de dar louvores verdadeiros, não me tivesse feito supor que não poderia falhar crendo o contrário do seu discurso, e assim tornado a consideração das minhas imperfeições tão familiares, que não me dá tanta emoção quanto precisaria, para desejar me desfazer delas.

Isso me faz confessar, sem vergonha, que encontrei em mim todas as causas de erro que observastes em vossa carta, e de não poder ainda bani-los inteiramente, porque a vida que sou obrigada a levar não me deixa muito tempo para adquirir um hábito de meditação segundo vossas regras. Tanto os interesses da minha casa que não devo negligenciar, quanto várias manutenções e complacências que não posso evitar, abatem

tão forte esse espírito débil, de aflição ou aborrecimento, que ele se torna, durante muito tempo inútil a toda outra coisa: o que servirá, como espero, de desculpas para minha estupidez de não compreender a ideia pela qual devemos pensar como a alma (não extensa e imaterial) pode mover o corpo, por aquela ideia que outrora tivestes do peso, nem porque esta potência que tens sob o nome de uma qualidade, falsamente atribuída, de levar os corpos para o centro da terra, deve antes persuadir que um corpo pode ser impulsionado por uma coisa imaterial, que a demonstração de uma verdade contrária (que prometeis em sua física) nos confirmar na opinião de sua impossibilidade: principalmente porque esta ideia (não podendo reclamar a mesma perfeição e realidade objetiva que aquela de Deus) pode ser falsa pela ignorância daquilo que verdadeiramente move o corpo para o centro. E porque nenhuma causa material se apresenta aos sentidos, a teríamos atribuído a seu contrário, o imaterial, isto que, todavia, nunca pude conceber senão como uma negação da matéria que não pode ter nenhuma comunicação com ela.

E confesso que me seria mais fácil conceder matéria e extensão à alma, que a capacidade de mover um corpo, e de ele ser movido por algo imaterial. Pois se o primeiro se fizesse por informação, seria preciso que os espíritos que fazem a informação fossem inteligentes, o que não acordais a nada corporal. E ainda que em vossas Meditações Metafísicas *mostre a possibilidade do segundo, é, contudo, muito difícil de compreender que uma alma, como a tens descrito, depois de ter tido a faculdade e o hábito de bem raciocinar, possa perder tudo isso por alguns vapores, e que, podendo subsistir sem o corpo e não tendo nada de comum com ele, seja tão regida por ele.*

Mas desde que tens empreendido em instruir-me, não mantenho esses sentimentos senão como amigos que não creio poder conservar, assegurando-me que me explicarás tão bem a natureza de uma substância imaterial e a maneira de suas ações e paixões no corpo, quanto todas as outras coisas que quiserdes ensinar. Peço também que creiais que não podes fazer essa caridade a ninguém que seja mais sensível à obrigação que vos tem que

Sua muito afeiçoada amiga

Elisabeth.

Descartes a Elisabeth

Egmond do Hoef, 28 de junho de 1643

Senhora,
Tenho uma grande obrigação para com Vossa Alteza porque, depois de ter provado que tenho me explicado mal no tocante às questões que havíeis me proposto, ainda se dignais a ter paciência de me escutar sobre o mesmo assunto, e me dá ocasião de reparar as coisas que havia omitido. Cujo as principais me parecem ser que depois de haver distinguido três gêneros de ideias ou de noções primitivas, que se conhecem cada uma de uma maneira particular, e não pela comparação de uma com a outra; a saber, a noção que temos da alma, do corpo e da união entre alma e corpo, devo explicar a diferença que há entre essas três sortes de noções, e entre as operações da alma pelas quais nós as temos, e dizer os meios que nos tornam cada uma delas familiar e fácil, em seguida, tendo dito porque me servi da comparação com o peso, fazer ver que ainda que queiramos conceber a alma como material (o que é propriamente conceber sua união com o corpo) não deixamos de conhecer depois que lhe é separável. O que é, como creio, toda a matéria que Vossa Alteza tem aqui me prescrito.

Primeiramente, portanto, observo uma grande diferença entre essas três sortes de noções, nisto que, a alma não se concebe senão pelo entendimento puro, o corpo, isto é, a extensão, as figuras e o movimento, se podem conhecer também pelo só entendimento, mas muito melhor pelo entendimento auxiliado pela imaginação e, enfim, as coisas que pertencem a união da alma e do corpo, não se conhecem senão obscuramente pelo só entendimento e mesmo pelo entendimento auxiliado pela imaginação, mas se conhecem muito claramente pelos sentidos. De onde vem que aqueles que não filosofam nunca, e que não se servem senão de seus sentidos, não duvidem que a alma mova o corpo, e que o corpo aja sobre a alma, mas considerem um e outro como uma só coisa, isto é, concebem sua união, pois conceber a união que há entre duas coisas é concebê-las como uma só. E os pensamentos metafísicos que exercitam o entendimento puro, servem para tornar a noção da alma familiar, o estudo das matemáticas, que exercitam, sobretudo a imaginação em considerar as figuras e os movimentos, nos acostuma a formar noções do corpo bem distintas e, enfim, é usando somente da vida e das conversas ordinárias, e se abstendo de meditar e estudar as coisas que exercitam a imaginação, que aprendemos a conceber a união da alma e do corpo.

Quase tenho medo de que Vossa Alteza pense que aqui não falo sério, mas isto seria contrário ao respeito que vos devo e que eu nunca deixaria de vos render. E posso dizer, com verdade, que a principal regra que tenho observado em meus

estudos é aquela que creio mais me ter servido para adquirir qualquer conhecimento, a saber, que nunca empreguei senão poucas horas por dia aos pensamentos que ocupam a imaginação e, muito poucas horas por ano aqueles que ocupam só o entendimento, e que tenho dado o resto do meu tempo ao descanso dos sentidos e ao repouso do espírito, conto inclusive entre os exercícios da imaginação, todas as conversas sérias, e tudo isso a que é preciso ter atenção. E é isso que faz com que me retire para os campos, pois ainda que na cidade mais agitada do mundo, possa ter tantas horas para mim, que empregue agora ao estudo, não poderia empregá-lo, no entanto, tão utilmente enquanto meu espírito estivesse cansado pela atenção que requerem as preocupações da vida. Por isso tomo a liberdade de escrever a Vossa Alteza para lhe testemunhar que admiro verdadeiramente que, entre os negócios e os cuidados que não deixam nunca as pessoas que são simultaneamente de grande espírito e de grande nascimento, tenhais podido atender as meditações que são requeridas para bem conhecer a distinção que há entre a alma e o corpo.

Mas julgo que são essas meditações, mais que os pensamentos que requerem menos atenção, que lhe têm feito encontrar obscuridades na noção que temos da união; não me parece que o espírito humano seja capaz de conceber tão distintamente e ao mesmo tempo a distinção entre a alma e o corpo e sua união, porque para isso seria preciso concebê-los como uma só coisa e ao mesmo tempo concebê-los como duas, o que se contradiz. E por este motivo (supondo que Vossa Alteza ainda tem fortemente presentes em seu espírito as razões que provam a distinção da alma e do corpo, e não querendo suplicar que delas se desfaça para se representar a noção de união que cada um prova sempre em si mesmo sem filosofar, a saber que uma só pessoa, que tem simultaneamente um corpo e um pensamento, os quais são de tal natureza que esse pensamento pode mover o corpo e sentir os acidentes que lhe chegam), eu me servi anteriormente da comparação com o peso e outras qualidades que comumente imaginamos estarem unidas a alguns corpos, assim como o pensamento está unido ao nosso, e não me importei que essa comparação fosse fraca porque essas qualidades não são reais assim como as imaginamos, porque creio que Vossa Alteza já está inteiramente persuadida que a alma é uma substância distinta do corpo.

Mas porque Vossa Alteza observa que é mais fácil atribuir matéria e extensão a alma que lhe atribuir a capacidade de mover um corpo e de este ser movido por algo imaterial, peço que atribua livremente esta matéria e essa extensão à alma, pois isso não é outra coisa senão concebê-la unida ao corpo. E após haver bem concebido isto e ter provado em si mesma, lhe será fácil considerar que a matéria que teria atribuído a esse pensamento não é o pensamento mesmo, e que

a extensão dessa matéria é de outra natureza que a extensão desse pensamento, nisto que, o primeiro é determinado a um certo lugar do qual exclui toda outra extensão de corpo, o que não se faz pela segunda. E assim Vossa Alteza não deixará de aplicar-se com facilidade ao conhecimento da distinção da alma e do corpo, não obstante conceba sua união.

Enfim, como creio que é muito necessário ter compreendido bem, uma vez na vida, os princípios da metafísica, porque são eles que nos dão o conhecimento de Deus e da nossa alma, creio também que seria muito prejudicial ocupar frequentemente o entendimento a meditar essas questões, porque não poderia ocupar-se tão bem das funções da imaginação e dos sentidos, mas que o melhor é se contentar em reter em sua memória e em sua crença as conclusões que temos uma vez tirado, depois empregar o resto do tempo que tivermos para o estudo, nos pensamentos onde o entendimento age com a imaginação e os sentidos.

A extrema devoção que tenho ao serviço de Vossa Alteza, me faz esperar que minha franqueza não lhe seja desagradável, ela me empenhou em um longo discurso em que procurei, desta vez, esclarecer todas as dificuldades da questão proposta, mas uma desagradável notícia que recebi de Utrecht; em que o magistrado me chama para verificar o que escrevi a um de seus ministros, embora seja um homem que me caluniou muito indignamente, e que isto que escrevi dele para minha defesa, seja conhecido por todo mundo; me constrange acabar por aqui para ir consultar os meios de me tirar, o mais cedo que eu puder dessas contendas. Eu sou senhora, de Vossa Alteza

O muito humilde e obediente servidor,

Descartes.

Elisabeth a Descartes

La Haye, 01 de julho de 1643

Senhor Descartes,

Temo que não recebas tanta incomodidade por minha estima de suas instruções e por meu desejo de tirar proveito delas, que pela ingratidão daqueles que delas se privam e querem privar o gênero humano, e não vos haveria enviado um novo efeito de minha ignorância antes que estivesse aliviado daqueles que lhe obstinam, se o senhor Van Bergen não me houvesse obrigado mais cedo, por sua delicadeza de querer ficar nessa cidade até que lhe desse uma resposta de sua carta de 28 de junho, que me fez ver claramente três sortes de noções que temos dos objetos, e como devemos nos servir delas.

Creio assim que os sentidos me mostram que a alma move o corpo, mas não me ensinam (não mais que o entendimento e a imaginação) a maneira pela qual o faz. E por isso penso que há propriedades na alma que nos são desconhecidas, que poderão talvez confundir o que vossas Meditações Metafísicas *me têm persuadido por tão boas razões da inextensão da alma. Esta dúvida parece estar fundada sobre a regra que dais, falando do verdadeiro e do falso e que todo o erro vem de formarmos julgamento do que não percebemos o suficiente. Ainda que a extensão não seja necessária ao pensamento, o que não a repugna em nada, ela poderá convir a uma outra função da alma que lhe seja menos essencial. O que derruba a contradição dos escolásticos de que ela é toda em todo o corpo, e toda e cada uma de suas partes. Desculpo-me por ter confundido a noção da alma com a do corpo pelo mesmo motivo que o vulgo, mas isso não me tira a primeira dúvida, e eu espero encontrar certeza em algo no mundo, se não me deres, vós que me impediste de ser cética, ao que me levou meu primeiro raciocínio.*

Ainda que vos deva essa confissão, para lhe agradecer, a creria muito imprudente se não conhecesse vossa bondade e generosidade, assim como o restante de vossos méritos, tanto pela experiência que tenho tido, quanto por vossa reputação. Vós não poderíeis refletir de uma maneira mais convincente que pelos esclarecimentos e conselhos que me deste, e que tomo como os maiores tesouros que poderia possuir.

Sua muito afeiçoada amiga a vos servir,

Elisabeth.